

improp

4

INFORMATIVAS
SUPLEMENTO

ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA

25 out 72

VINGUEMOS RIBEIRO SANTOS

O assassinio do nosso camarada Ribeiro Santos não ficou impune. A firme resposta dos estudantes, o apoio que a população deu à sua luta, mostrou ao governo e a todos os que apoiam a sua política anti-popular que os estudantes estão dispostos a colocar a sua luta ao lado da luta do Povo; que conseguem sair das estreitas paredes da Universidade e ir para a rua informar a população do que se passa lá dentro e qual o sentido da luta que aí se trava.

As Faculdades fechadas, as notícias de turpadas dos jornais não obstaram a que a posição unânime dos estudantes (e aqui só não se podem incluir os fascistas e outra "bufaria") fosse a do repudio do assassinio e a predisposição para a luta. Não conseguiram evitar, também que a população informada por nós, nos desse um apoio incontestável, foi uma das mais fortes armas com que nós contamos para a nossa luta.

E os estudantes não lutaram fazendo abaixo-assinados ou pedindo entrevistas à PIDE ou aos seus cúmplices do MEN. E isto porque nós sabíamos que, quando o Governo envia, para dentro da Universidade, os seus agentes, quando estes ferem, prendem, e ma

tam estudantes, a nossa resposta só pode ser uma: IMPEDIR O FUNCIONAMENTO DA UNIVERSIDADE e ir para a rua, em massa, para INFORMAR-MOS A POPULAÇÃO. Não pode haver outra saída. Não nos podemos limitar a protestos ou greves formais.

E se houve deficiências de organização que ~~tem~~^{as} de suprir (elas causaram, por ~~ex~~, a debandada do Meeting de Direito), tal facto em pouco diminui a importância da luta que tem sido travada.

O Governo, além de prender numerosos estudantes (entre eles, muitos dirigentes de Associações), encerrou a AEIST. O que se deve concluir daqui? que devemos pôr as nossas formas de luta a reboque exclusivamente de "libertação dos estudantes que estão presos" ou de "reabertura da AEIST"? Não. Se o Governo, tenta parar a luta, prendendo estudantes ou encerrando AAE, apesar das Associações abertas e da libertação dos nossos colegas poder ser importante para a condução da luta, não devemos "ir no jogo" governamental: não deveremos abandonar a luta, pará-la, para reconquistar Associações ou entrá-la na libertação dos nossos colegas. Deve os sim continua a, cada vez com mais for



ça, e sabemos integrar na luta à volta de pa lavras de ordem "vingaremos Ribeiro Santos", a luta pela libertação dos nossos colegas e pela reabertura da AEIST: as Associações só nos interessem na medida em que façam avançar a luta e não na medida em que a façam recuar.

Neste momento a nossa tarefa principal é ainda "vingar Ribeiro dos Santos", é informar o mais completamente possível os estudantes e a população que ainda pouco ou nada foi abrangida pela nossa imprensa.

No caso da Faculdade de Ciências isto é ainda de maior importância devido ao facto de grande parte dos estudantes estarem ainda a fastados de Lisboa.

Não deixar o Governo assassinar impune — é fortalecer (consolidar) o nosso movimento, orientá-lo sob perspectivas correctas e lutar contra aqueles que a pretendem puxar para trás, tirando das mãos dos estudantes as pedras com que eles, respondendo justamente aos tiros assassinos, apedrejam a Polícia (ou aqueles a quem ela serve e que a mantêm — os donos dos bancos e das grandes empresas).

O QUE TEM SIDO A NOSSA LUTA!

Durante um meeting contra a repressão realizado em Económicas (quinta-feira 12) é assassinado por um elemento da pida o nosso colega José António Ribeiro dos Santos.

Atirando-se corajosamente ao assassino para o desarmar, foi atingido por um tiro numa perna o colega José Iamego que após ser hospitalizado recebeu ordem de prisão.

A noite realiza-se no Técnico um Meeting onde se aprova a paralisação de toda a actividade escolar, a distribuição de um comunicado à população e a convocação de um novo meeting para 6ª feira em Direito.

Quando decorria este meeting, a polícia ac cacetada e com um carro de água, dispersa os estudantes. Estes conseguem concentrar-se na 28 de Maio, donde saiem em manifestação até ao Campo Pequeno.

Algum tempo depois cerca de 600 estudantes iniciam uma manifestação na Praça de Londres, distribuindo comunicados à população na Av. Roma, Oscar Monteiro Torres, Av. República, 5 de Outubro e terminando no Saldanha.

No sábado é marcado o funeral do nosso colega para as 3 horas.

É porque estamos decididos a vingar Ri beiro Santos que devemos impedir — como de cidiu o Plenário dos estudantes de Lisboa — que a Faculdade funcione normal mente (quer exames de aptidão quer aulas) para que todos os estudantes possam dedicar o seu tempo a informar o Povo acerca da morte do nos so colega e das razões pelas quais o Gover neta ou prende aqueles que na sua maioria são filhos dos que exploram os operários e os camponeses e mantêm a PIDE. Mostrar que nós nos recusamos a servir aqueles que expl ram o Povo português, contribuindo para essa exploração. Que nós LUTAMOS POR UMA UNI VERSIDADE DO POVO E AO SERVIÇO DO POVO!

Cerca de 5000 pessoas concentram-se na Calçada de Santos. Quando a urna sai de casa, aos ombros de vários estudantes, a poli cia tenta metê-la dentro do carro funerário.

Estudantes e populares impedem que tal aconteça e dirigem-se para o cemitério aos gritos de ASSASSINOS, ASSASSINOS.

As bastonadas dos cordões de polícia que tentavam separar a urna do resto dos pre sentes, responderam estudantes e população com a luta corpo a corpo e à pedrada tentando defender a urna e levá-la até ao cemitério.

Apesar disto, a polícia consegue meter a urna noutra carro funerário que entretanto surgira.

Há várias prisões conseguindo-se no en tanto libertar algumas pessoas de dentro de uma carrinha.

Formam-se então vários grupos que aos gritos de "vingaremos Ribeiro dos Santos", "Morte ao governo assassino" e "governo do povo sim, governo assassino não" se dirigem por diferentes caminhos para o cemitério,

A polícia armada e com cães impede as

entradas, sabendo-se que lá dentro estão cerca de 2000 pessoas.

As 6 horas há nova manifestação que começa no Marquês, passando pela Duque de Loulé, vindo à Av. da Liberdade, onde depois vira à esquerda e acaba por dispersar.

Algum tempo depois várias carrinhas de polícia param na Almirante Reis e prendem algumas dezenas de pessoas.

Na 2ª feira, 16, os estudantes não param a sua luta. Eles organizam-se nas escolas para boicotar aulas e exames e algumas delas os alunos da aptidão recusam-se a fazer exame.

Os estudantes reconhecem que têm tarefas mais importantes a fazer:

- ir para a rua e informar a população, ganhando o apoio desta para a nossa luta, mostrando a sua justeza e desmascarando as falsas informações governamentais.

- decidir como orientar e continuar a luta que se está a travar e para isso reúnem-se num meeting onde convocam um plenário para 5ª feira às 15,30 horas.

Na madrugada de 3ª feira, dia 17, são revistas as casas de vários elementos das direcções de Ciências e Económicas e da ex-direcção do Técnico. Alguns deles são levados para Caxias.

O governo recorre à repressão selectiva pensando que consegue intimidar-nos e fazer recuar a luta prendendo os nossos dirigentes.

Mas tal não acontece. Continuamos a informar a população; tentamos alargar a nossa luta a cada vez maior numero de estudantes, informando aqueles que até agora ainda não compareceram nas escolas por estas terem sido encerradas ou ainda não sequer terem aulas.

A polícia continua as suas buscas às casas dia 18: são presos mais estudantes. Desta vez da Direcção de Medicina. A tarde deste dia é ocupada com a ampla convocação do plenário e com a distribuição organizada do comunicado à população.

Na 5ª feira, realiza-se em Medicina o Plenário dos estudantes de Lisboa, em que são aprovados um comunicado à população e uma moção (ver comunicado aos estudantes assinado Por um Ensino ao Serviço de Operários e Camponeses), em que os estudantes presentes reafirmam a sua disposição firme de prosseguir a luta.

É ainda marcado para o dia seguinte

um meeting federativo em Medicina, para decidir quais as formas de luta a adoptar. Posteriormente várias dezenas de estudantes concentram-se no Arco do Cego e iniciam aí uma manifestação durante a qual se distribuem comunicados a informar a população confirmando a disposição afirmada no plenário.

Na 6ª feira pouco antes da hora marcada para o inicio do meeting as forças da policia cercam o hospital impedindo a entrada dos estudantes pelo que o meeting não chega a realizar-se. Uma vez que no dia seguinte está marcada no Técnico, pelo próprio o director, uma R.G.A., é para aí convocado novo meeting.

No sábado as "forças da ordem" cercam o I.S.T. e impedem a realização do meeting e da R.G.A. É dada a palavra de ordem de ida para Económicas, que é boicotada pela direcção da A.D. do Técnico que diz aos estudantes para irem para casa, aparecendo à tarde nos cafés próximos para saberem o resultado da conversa que entretanto os "dirigentes" irão ter com a direcção da escola, e para aparecerem na 2ª feira no I.S.T., às 10 horas, para nova R.G.A..

Os estudantes que comparecem em Económicas realizam uma reunião de trabalho, onde se organiza a convocação dos estudantes para um meeting em Ciências, 2ª feira às 5 horas.

SOBRE AS NOTÍCIAS DETURPADAS

DO GOVERNO: o discurso de Costa André

Sempre tem sido característica do actual regime governamental - conhecedor profundo da oposição popular a que é votado - impedir que quaisquer notícias referentes a lutas desenvolvidas por parte dos estudantes ou das classes trabalhadoras cheguem ao domínio público. Ou no caso de ser impossível encobrir tudo, que essas notícias saiam em tal estado que tenham o condão não só de não deixar perceber o que verdadeiramente se passou como até e principalmente virar a população contra essas lutas e

justificar plenamente a acção repressiva em relação às mesmas.

Estão (como não podiam deixar de estar) neste caso, os ultimos acontecimentos relacionados com o assassinato de Ribeiro Santos e da consequente luta levada a cabo por todos os estudantes em torno dessa morte.

O governo, através das notas que fez publicar, não só deu uma versão completamente falsa dos acontecimentos como ainda tentou por a população contra nós, quer através do habitual paleio da "minoría subversiva vindo do exterior" quer chamando-nos "arruaceiros" etc., quando todos os estudantes sabem que foram mais de 5000 pessoas que se manifestaram no funeral do nosso colega e as acções de rua tiveram como principal fim a informação à população. O governo tenta assim, usando a velha formula de "dividir para reinar", iludir a população levando-a virar-se contra as nossas justas movimentações de maneira a justificar as suas torpes intervenções no sentido de aniquilar essas lutas.

É nessa ordem de ideias que surge o discurso do secretário de estado da instrução e cultura, Costa André, que podendo levar alguns estudantes me nos esclarecidos a cair no logro, interessa rebater em particular pois que no geral a sujidade dos métodos é a mesma que de há muito caracteriza esses senhores.

Senão vejamos: em resposta aos nossos colegas que faziam apelação a Económicas e decidiram, aos votos contra, boicotar o exame, fizeram as autoridades escolares sair uma nota em que para requererem novo exame teriam os candidatos que declarar que tinham sido fisicamente impedidos de o realizar na data prevista. Claro que os estudantes inexperientes, mal organizados e com medo de chumbar acabaram por ceder à chantagem e fazer o tal requerimento. É toda esta engrenagem para quê? Para um senhor chamado Costa André poder dizer depois que a grande maioria dos alunos queria fazer o exame e foi a tal "minoría agitadora" que os impediu pela força. Afinal a habitual "verdade" governamental.

Cutros exemplos dessa "verdade": cita Costa André que muitas vezes são os alunos "obrigados a prestar provas sob gritaria". Querá com isto referir-se aos poucos furas que tentam fu-

rar as greves e os boicotes? Quando fala dos familiares agredidos reforça-se à ao pido que em Letras se tentava fazer passar por pai de uma aluna? E os professores insultados? São concerteza os professores que declaradamente se colocam contra as decisões dos estudantes, tipo Romeu Ramos. Assim como o clima de medo que, diz, muitas vezes se instaura. Refere-se certamente aos exames com policia presente e à ameaça de processos disciplinares.

O discurso do senhor Costa André esbocea-se, pois, assim, parágrafo por parágrafo.

E que pretendia ele com este discurso? Atirar poeira nos olhos de todos, justificar as prisões e as cargas da policia, as suspensões e os processos disciplinares, enfim, o estado de sitio na Universidade.

Para continuar a poder prevalecer a justiça da minoria exploradora que ele defende contra a justiça da maioria oprimida que aluta estudantil tem feito a sua causa.

É pois necessário que não nos deixemos enganar com o palavreado e o falso dos membros governamentais e continuemos organizados para realizar o que é importante fazer: continuar unidos em torno do assassinato de Ribeiro Santos, continuar a informar a população da realidade dos factos e do seu significado.

INFORMEMOS O POVO
NÃO AS AULAS!

NÃO SÃO AS PRISÕES, NEM O ENCERRAMENTO DAS ASSOCIAÇÕES, NEM OS

ASSASSINIOS QUE PARARÃO A NOSSA LUTA
POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR!